



O Ideário Patrimonial О идеарио

*O Carácter Epistemológico da
Cultura*



www.cta.ipt.pt

N. 13 // dezembro 2019 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Instituto Politécnico de Tomar | Centro das Arqueologias

EDITORES

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

Doutor José d' Encarnação, Universidade de Coimbra

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Instituto Politécnico de Tomar | Centro das Arqueologias

DIVULGAÇÃO

Em Linha

DIRECTORES-ADJUNTOS

Professora Doutora Teresa Desterro, Instituto Politécnico de Tomar

Professora Especialista Fernando Salvador Sanchez, Instituto Politécnico de Tomar

Doutor Gustavo Portocarrero, Faculdade de Belas-Artes, da Universidade de Lisboa (CIEBA)

CONSELHO CIENTÍFICO

Professor Catedrático Carlos Costa, Universidade de Aveiro

Professor Doutor Carlos Cupeto, Universidade de Évora

Professor Doutor André Luis Ramos Soares, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Professor Doutor Fabio Negrino, Università degli Studi di Genova

Professora Doutora Hália Santos, Instituto Politécnico de Tomar e Directora do ESTAJornal

Professora Doutora Maria João Bom, Instituto Politécnico de Tomar

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem© | Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183-1394

LATINDEX folio n° 23591

ANOTADA DA ERC | REGISTADA NA INPI

© Os textos são da inteira responsabilidade dos autores



Índice

EDITORIAL	06
ARA DEDICADA A JÚPITER IDENTIFICADA EM CÁRQUERE (RESENDE) José d'Encarnação & Carla Vicente	08
O PAPEL ENQUANTO SUPORTE GRÁFICO - BREVES NOÇÕES DE CONSERVAÇÃO - Joaquim Pombo Gonçalves	20
PARADIGMI VISIVI E PROCESSI COGNITIVI Massimo Squillacciotti	33
I COLORI DEL SOGNO DI GATSBY: PROPOSTA DI ANALISI SEMIÓTICA Paola Tinè	41
LENDAS E MITOS RURAIS E URBANOS DE MOÇAMBIQUE (UM MUNDO EM EXTINÇÃO?) Marco Valente	49
DIMENSÕES ENTRE A MUSEOLOGIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO BRASIL: CAMINHOS E TRANSFORMAÇÕES José Antônio de Sousa	73
DIDÁCTICA, ARQUEOLOGÍA PÚBLICA Y EDUCACIÓN PATRIMONIAL EN EL PARQUE MUSEO ARQUEOLÓGICO DE TUNJA – UPTC Laura López Estupiñán	87
DISCONTINUITÉ DE L'AUTHEMATICITE OU AUTHENTICITE DE LA DISCONTINUITÉ? MARRAKECH A L'ÉPREUVE DU TOURISME DE MASSE Khalid El Housni, Nabil Oursafi, Larbi Safaa, Faysal Lemjidi	99
L'INTERPRETATION DU PATRIMOINE: DU CONCEPT A L'INSTITUTION - LE CAS DU MAROC Mohamed Lazhar	114
PLACE JAMAÄ EL FNA À MARRAKECH: D'UN ESPACE UTILITAIRE À UNE VALEUR PATRIMONIALISÉE Mina El Hilali	128
UNE ÉTUDE LONGITUDINALE DE LA CLASSIFICATION DES HÔTELS SUR TRIPADVISOR. VERS UN CHANGEMENT DES STRATÉGIES DE COMMUNICATION POUR UN MANAGEMENT EFFICACE DE LA E- REPUTATION, APPLICATION AU SECTEUR DE L'HOSPITALITY AU MAROC Youssef El Azyzy	154



EDITORIAL

Os dois primeiros artigos (*Ara Dedicada a Júpiter identificada em Cárquere (Resende)*; *O Papel enquanto Suporte Gráfico - breves noções de conservação* –), ainda sobre temáticas diversas, debruçam-se sobre o valor inestimável da Epigrafia, transportando-nos para uma realidade dos tempos da ocupação Romana; enquanto, para por essa mesma razão a Conservação, Restauro e Arquivística empresta quer à História, quer à Pré-História, uma mais-valia no tocante às descobertas colocadas à vista através do suporte que minimiza prejuízos, que fariam parte do silêncio da escrita.

Já os dois artigos seguintes debruçam-se sobre correntes teóricas das Ciências Humanas e das Artes (*Paradigmi Visivi e Processi Cognitivi*; *I Colori del Sogno di Gatsby: Proposta di Analisi Semiótica*), revestindo-se de um cariz paradigmático, relativamente à imagem e à leitura, nos quais existe lugar para perspetivas cognitivo-filosófico.

Lendas e Mitos Rurais e Urbanos de Moçambique (Um Mundo em Extinção?) leva-nos para um Universo Imaginário, utilizando metodologias próprias desta área do Conhecimento, totalmente preenchido pelo afã na Protecção e Preservação do Património Imaterial da República Moçambicana.

Os artigos seguintes valem pela variada aproximação à Museologia, ao Património e ao Turismo no Brasil, na Colômbia e em Marrocos (*Dimensões entre a Museologia e Educação Patrimonial no Brasil: Caminhos e Transformações; Didáctica, Arqueología Pública y Educación Patrimonial en el Parque Museo Arqueológico de Tunja – UPTC; L'Interpretation du Patrimoine: du Concept a L'Institution - Le Cas du Maroc; Place Jamaä el Fna à Marrakech: d'un Espace Utilitaire à une Valeur Patrimonialisée*); *Une Étude Longitudinale de la Classification des Hôtels sur TRIPADVISOR. vers un Changement des Stratégies de Communication pour un Management Efficace de la E-Reputation, Application au Secteur de L'Hospitality au Maroc*). Qualquer um destes artigos aborda a Salvaguarda e Protecção dos Patrimónios, com base em correntes teóricas diversas, neles incluindo o factor económico que alavanca as economias locais de cada País.



20 de Dezembro de 2019
Ana Cruz

**LA PLACE JAMAA EL FNA A MARRAKECH:
D'UN ESPACE UTILITAIRE A UNE VALEUR PATRIMONIALISEE**

**THE PLACE JAMAA EL FNA AT MARRAKECH: FROM A COMMERCIAL SPACE
TO A HERITEGE VALUE**

Recebido a 30 de outubro de 2019

Revisto a 20 de novembro de 2019

Aceite a 20 de dezembro de 2019

Mina El Hilali

FSSM, Université Cadi AYYAD

m.elhilali@uca.ac.ma



Resumé

Dans le présent article, nous avons essayé de porter un regard transversal sur la Place Jamaä el Fna, et ce à travers, d'un côté, le dépouillement d'une bibliographie empirique, composée de récits de voyages et de chroniques d'histoire, ce qui nous a donné une vision globale sur sa toponymie, les fonctions qui lui ont été attribuées, son architecture ainsi que sur sa configuration spatiale. Et d'un autre, les résultats de l'observation directe de l'espace en question qui nous a permis d'en proposer une lecture plus récente, visant par-là à démontrer l'évolution qu'elle a subie à ces différents niveaux. Une telle démarche met en évidence sa valeur patrimoniale reconnue par sa certification par l'Unesco en 2001 en tant que Chef-d'œuvre du Patrimoine Oral et immatériel de l'humanité. Laquelle certification semble être, outre la reconnaissance, au niveau mondial, de sa valeur patrimoniale authentique, une contribution directe à sa valorisation et à sa sauvegarde.

Mots clés: La Place, Sauvegarde, Patrimoine Immatériel, Évolution

Resumo

Neste artigo, tentamos dar uma perspectiva transversal da Praça Jamaä el Fna. Por um lado, debruçámo-nos sobre a análise de uma bibliografia empírica, composta por relatos de viagens e crónicas da História, o que nos deu uma visão global da sua toponímia, das funções que lhe foram atribuídas, da sua arquitetura e da sua configuração espacial. Por outro lado, obtivemos os resultados da observação direta do espaço em questão, o que nos permitiu oferecer uma leitura mais recente; procurando demonstrar a evolução que sofreu nesses diferentes níveis. Esta abordagem destaca seu valor patrimonial reconhecido através da sua Certificação pela UNESCO em 2001, como uma obra-prima do Património oral e intangível da Humanidade. A Certificação parece ser, além do reconhecimento mundial de seu autêntico Valor Patrimonial, uma contribuição direta à sua promoção e proteção.

Palavras-chave: O lugar, Salvaguarda, Património Intangível, Evolução

Abstract

In this article, we have tried to take a transverse look at Place Jamaa el Fna, through a recount of an empirical bibliography, composed of travel accounts and history chronicles, which allowed us to have a global vision on its toponymy, the functions which were attributed to it, its architecture as well as on its spatial configuration. And on the other hand, the results of the direct observation of the space in question which allowed us to propose a more recent reading, aiming to demonstrate the evolution that it underwent at these different levels. . This allowed us to testify to its heritage value recognized by its certification by UNESCO in 2001 as a masterpiece of the Oral and Intangible Heritage of Humanity. Which certification seems to be, besides the recognition, at the global level, of its authentic patrimonial value, a direct contribution to its valuation and its safeguarding.

Keywords: The Place, Safeguarding, Intangible Heritage, Evolution

1. Introduction

Les «hommes ont besoin du témoignage d'autres hommes et chaque époque puise dans celles qui l'ont précédées les émotions qui lui permettront de créer et de fabriquer» (Duppuis & Greeffe, 1986, p. 22). Chaque peuple a besoin de conserver les traces de son histoire, de témoigner de sa vie quotidienne, voire même de son existence, et ce, par l'expression de sa capacité créatrice aussi bien dans les objets qu'il utilise quotidiennement, dans l'architecture de son habitat, dans la langue avec laquelle il communique que dans les rites qui accompagnent ses activités. Vu comme tel, le patrimoine serait donc l'instrument de ce va et vient entre le présent, le passé et le futur.

«Réceptacle des mémoires», il semble être un repère structurel des sociétés qui permet à l'Homme autant de se comprendre que de comprendre les autres. Aussi, l'acharnement de celui-ci sur la préservation de l'héritage de son passé provient-il de cette angoisse de perdre ses racines et ses traces, et plus particulièrement, sous l'effet du développement socio-économique que connaît le monde aujourd'hui, de l'évolution rapide des technologies de l'information et de la communication, ainsi que de la mondialisation pressante qui tend vers une uniformisation multidimensionnelle qui menace l'intégrité identitaire des peuples. C'est pour cela que la valorisation et la sauvegarde du patrimoine (aussi bien matériel qu'immatériel) tend à occuper une place de choix au sein des préoccupations tant nationales qu'internationales.

C'est dans cette perspective que notre regard sera porté à la place Jamaâ El Fna. Cette dernière est d'abord, un espace géographique qui s'inscrit au sein du tissu urbain de la ville de Marrakech qui l'abrite. C'est ensuite un lieu de contact permanent, de rassemblement, de sociabilité et de voyage, porteur d'une valeur historique incontestable. Et c'est enfin, un point de référence dans notre imaginaire, un théâtre en plein air, ouvert et accessible à tous, un lieu où la parole est libre, où le rire n'a ni de limite ni de prix, un lieu où tout est fait pour permettre à ceux qui assistent aux spectacles qui s'y produisent quotidiennement de savourer, ne fut-ce que pour quelques heures, la beauté et la joie d'y être.

1.1. Un peu d'histoire

Sise à l'Ouest de la Médina de Marrakech, la place Jamaâ El Fna s'étale sur une superficie d'un hectare. Sa physionomie actuelle est le fruit d'un long processus historique qui reste, malgré les multiples recherches dont elle a fait l'objet, sujet à plusieurs suppositions.

1.2. A propos de l'appellation

Malgré la richesse des diverses recherches effectuées sur les origines de la dénomination de Jamaâ El Fna, celles-ci restent mystérieuses. En effet, deux explications peuvent être retenues: d'une part, celle où Hamid Triki la relie à la vaste esplanade (finae) située en face de la Mosquée Koutoubia (Rahbat Al Qasr) où étaient infligées les peines capitales dès le XII^{ème} siècle¹. Et d'autre part, celle fournie par Abderrahman Assa'Di du milieu du XVII^{ème} siècle qui l'associe dans son ouvrage *Tarikh As Soudane* (Histoire du Soudan) à une mosquée que le Sultan Ahmed Al-Mançor ad-Dahbi aurait commencé à construire au XVI^{ème} et qu'il allait appeler «Jamii Al Hana» (Mosquée de la Félicité ou Mosquée de la quiétude).

¹ Cf. *La place Jamaâ El Fna, patrimoine Culturel Immatériel de Marrakech, du Maroc et de l'Humanité*, Publication réalisée dans le cadre du projet de préservation et promotion de la place avec la coopération entre le Ministère de la Culture, l'Unesco et le soutien financier du gouvernement du Japon, P.

Or, la peste, qui s'était abattue sur le pays à l'époque des Saâdiens et qui a décimé une partie de la population a entravé la construction de ladite mosquée. D'où l'appellation: Mosquée de l'anéantissement, du malheur relativement à ces événements ainsi qu'à la quantité des corps ayant envahi la place à l'époque: «On m'a rapporté que l'Emir Sultan Moulay Ahmad voulait construire une mosquée, il lui donna un emplacement merveilleux, elle fut alors appelée Jam² Al Hana (mosquée de la félicité), puis détourné de cette occupation par une série d'événements malheureux, il ne put achever cet édifice avant sa mort, et c'est pourquoi il reçut le nom de Jamii Al Fanae (mosquée de l'anéantissement).» (Assa'Di, 1981, p. 205).

En outre, le premier usage effectif de la dénomination «Jamaä El Fna» paraît dater du XVIII^{ème} siècle et ce dans l'ouvrage *Rihlat Al Wafid* d'Ahmed Ben Brahim Tassafti³. Néanmoins, nous ne pouvons dire avec exactitude quand est ce qu'elle a commencé à être nommée comme telle. En effet, l'expression «Jamaä El Fna» semble être déjà répandue lorsque, au XVIII^{ème} siècle, l'auteur l'utilise à la page 141 dudit ouvrage l'expression «لمعلوما جامع لفنا» et plus particulièrement lorsqu'il évoque l'exécution de Bu Darbala⁴, un révolté du Souss «qui fut exécuté par balle en présence d'un grand nombre de marrakchis là-bas, au fameux Jamaä El Fna» (Tassafti, p. 141). Bien avant, ce même chroniqueur évoque l'arrestation et l'exécution d'un malfaiteur Abdallah Ben Moulid à la Place Jamaä El Fna. (*Ibidem*, p. 71).

C'est avec Al Youssi au XVIII^{ème} siècle que la place est décrite pour la première fois en tant qu'espace de divertissement et de spectacle. Et c'est aussi pour la première fois que le mot «halqa» est mentionné par un chroniqueur, parlant de Jamaä El Fna: «Et je me rendis les années 1060 de l'hégire⁵ à Marrakech lors de ma quête du savoir, j'étais alors très jeune. Un jour, je m'étais rendu à la Rahba (la grande esplanade: la Place Jamaa El Fna) pour écouter les louanges du Prophète. Je me suis, alors, arrêté devant un cercle (halqa) composé par une foule immense formée de curieux à l'écoute d'un vieil homme qui était en train de leur raconter des histoires amusantes. (Al Youssi, p. 82).

2. Architecture et Composantes

L'architecture globale de la place Jamaä El Fna est indissociablement liée aux multiples fonctions qui lui ont été attribuées à diverses périodes de son histoire. Nous avons tenté, à travers le tableau ci-dessous, de synthétiser ses composantes entre le XVI^{ème} et le XX^{ème} siècle⁶. Lesquelles composantes peuvent être divisées en deux catégories: d'une part, des éléments qui font partie de l'architecture et du décor interne de la place, et d'autre part, des aménagements installés sur ses abords.

² Dans la traduction de *Tarikh As'Soudan, Documents arabes relatifs à l'histoire du Soudan, Tarikh Es-Soudan*, par Abderrahman Ben Imran Ben Abdallah Ben A'mir Es-Sa'di, Publications de l'Ecole Des Langues Orientales, Paris, Ernest Leroux Editeur, 1900, P. 313, Octave HOUDAS parle de la «grande mosquée».

³ Cf. Ahmed Ben Brahim Tassafti, *Rihlat Al Wafid*, un épisode de l'histoire de l'Adrar n Dern (Atlas de Marrakech), et du souss au 12^{ème} siècle H / 18^{ème} S.J.C, éd. annotée Ali Sidki Azaykou, Publication de la FLSH de Kénitra, série textes et documents num. 1, p. 71.

⁴ Dans la traduction de *Tarikh As'Soudan, Documents arabes relatifs à l'histoire du Soudan, Tarikh Es-Soudan*, par Abderrahman Ben Imran Ben Abdallah Ben A'mir Es-Sa'di, Publications de l'Ecole Des Langues Orientales, Paris, Ernest Leroux Editeur, 1900, p. 313, Octave HOUDAS parle de la «grande mosquée»

⁵ Cf. Ahmed Ben Brahim TASSAFTI, *RIHLAT AL WAFID, un épisode de l'histoire de l'Adrar n Dern (Atlas de Marrakech)*, et du souss au 12^{ème} siècle H / 18^{ème} S.J.C, éd. annotée Ali Sidki Azaykou, Publication de la FLSH de Kénitra, série textes et documents n° 1, p. 71

⁶ Abdallah Ben Ibrahim Tassafti précise dans son ouvrage *Rihlat Al Wafid* qu'il s'appelle Yasid Ben Mohammed fils de Sidi Mohammed Ben Abdallah. (p. 98)

Tableau 1
Récapitulatif des différentes composantes de la place jusqu'au XX^{ème} siècle

				DECOR							
				SUR LA PLACE				AUX ABORDS DE LA PLACE			
				Permanent		Occasionnel		Permanent		Occasionnel	
				Formel	Informel	Formel	Informel	Formel	Informel	Formel	Informel
Auteur	Page	Source	Composantes								
Diego De Torres	P. 57	XVIème S 1547	Souk		X						
			Douane des chrétiens (Foundouk)	X							
Marmol Karbajal	P. 55	XVIème siècle Saadiens entre 1573 et 1599	Au milieu: un tas de sable: gibet	X							
			Commerce	X							
			Maisons	X							
			Commerces: serruriers-cordonniers-menusiers- charpentiers-vendeurs de choses bonnes à manger	X							
			un côté: soie, tissu-étoffes, laine, coton	X							
			Douane	X							

Mohamed Hajji	P. 82	année 1060 -1650	Rahba: conteur		X						
amed Adda'If	P. 234-236-237	Entre 1752 et 1818	Endroit où sont brûlés les corps des malfaiteurs			X					
			Campement militaire			X					
			cimetière	X							
Fernando Balderama Martinez	P. 119/120/121-124	juin 1863	Mouqf		X						
			Hlaquis		X						
			course de chevaux			X					
			vestiges de la mosquée: têtes exposées des malfaiteurs			X					
			Souk hebdomadaire: le vendredi				X				
Ahmed Ben Khalid Annasiri	P. 109-113	1280 environ 1870	Tête et main malfaiteurs suspendues: nécessité endroit			X					
			Foundouk (caravanserais)	X							
Docteur Marcet a.	P. 184-188	1882	Caserne					X			
			Prison					X			
			Tentes des marchands		X						

Dr. Oscar Lenz	260 - 268-273-282	1884	Maison	X							
			Conteurs		X						
			marché hebdomadaire: vendredi		X						
de Segonzac	P. 13	13-mars-05	Les murs de JEF	X							
Etienne Richet	P 223	1909	Monceaux de fruits et de grains		X						
Brahim Semlali	P. 319	1912	Caserne					X			
photographie phénix		1914 - 1915	marché aux puces		X						
			Municipalité					X			
			Marché		X						
André Chevrillon	P.11 7-118	1917	Maison	X							
			Espaces divers		X						
			Grand foundouk aux grains	X							
			A droite jusqu'au souk des vanniers,	X							
			Devant: jusqu'aux rangs de noires tantes berbères		X						
de l'autre côté du foundouk-le grand foundouk,		X									

			la koutoubia de l'autre côté de la place					X			
Al Jabiri Hlaiqi		Années 50 et 60	parasols au milieu de la place: vendeurs de nourriture		X						
			aux deux bouts de la place des petites barques en bois où se vend cacao, petits pois cuits et produits touristiques		X						
Jérôme et Jean Tharaud	P. 75-76	1956	Aux deux bouts, de grandes tentes, rapiécées		X						
			La poste					X			
			Le magasin de quincailler					X			
			La banque					X			
			Le glacier		X			X			
			Café de France					X			
			Boutique des cycles					X			
			Voitures de louages avec leurs cochers espagnols						X		
Brahim El Hilali	P. 391	1977	gare routière					X			

Source: Chroniques, Récits de voyages, Auteur⁷

⁷ Nous nous sommes basés dans l'élaboration des tableaux contenus dans cet article sur l'étude d'un corpus de formés de récits de voyages et de chroniques d'histoire dans la liste est détaillée en bibliographie

Concernant les décors installés sur la Place, nous distinguons deux catégories: ceux **permanents** qui prennent la forme, d'une part, **d'édifices étatiques** relatifs à l'usage financier de la place Jamaa El Fna. En effet, la 2^{ème} moitié du XVI^{ème} siècle, Diego de Torres (1988, p. 57) lors de la description de ce qu'il appelait "la place vaste de la ville", a évoqué la Douane des chrétiens qui servait aussi bien de foundouk (hôtel) où les commerçants chrétiens sont accueillis et logés, que d'entrepôt où devraient nécessairement être stockées les diverses marchandises destinées (à) ou en provenance (de) l'étranger. Néanmoins, malgré la grandeur de la superficie couverte par cet édifice (qui fut construit en 1547 par Mohammed El Mahdi Cheikh), tant au niveau local que national, en comparaison avec celui qui se trouvait à l'intérieur de la casbah, repérer aujourd'hui son emplacement exact semble être une tâche difficile. Par ailleurs, ladite douane a dû disparaître suite au déclin de la dynastie saâdienne étant donné que ce service fut déplacé vers Safi dès l'année 1633 (1064 de l'hégire) (Harakat, 1978, p. 433).

Et d'autre part, celle d'accessoires dont, entre autres, ceux relatifs à l'exécution des peines de morts prononcées à l'encontre des rebelles dans le but de rétablir l'ordre et la paix intérieurs (usage juridique) comme le cas du gibet que nous retrouvons dans divers récits de voyages. Dès la 2^{ème} moitié du XVI^{ème} siècle, Diego De Torres évoque l'exécution de Tristian qui fut emmené au souk sur une colline dédiée à ce genre d'exécutions. (De Torres, p. 122). Cette même colline sera mentionnée par De Carvajal plus tard lors de sa description de la Place vaste où étaient installés des gibets destinés à l'exécution des «méchants»: «Près de l'ancien canton est la grande place, au milieu de laquelle il y a une butte en terre plus haute que les boutiques et les maisons alentour où l'on exécute les malfaiteurs, et l'on y voit toujours plusieurs gibets.» (De Carvajal, p. 55). La colline en question serait située au Nord de la grande place dans la direction de la ville almoravide, plus particulièrement vers le quartier des souks au sud de la mosquée Ben Youssef (Bellaoui, El Gharras & Ahmane, p. 51).

Les installations permanentes prennent également la forme d'habitations (maisons) ou de structures commerciales organisées. A cet égard, la description faite par Marmol Carvajal (1667, p. 55) est importante dans la mesure où elle démontre la concentration de deux types d'activités «dans» la place. D'une part, une activité industrielle qui se concrétise dans les petits métiers tels les cordonniers, les serruriers et les charpentiers, ainsi que la préparation et la vente de plats (choses bonnes à manger). Et d'autre part, une activité commerciale, en rapport, soit avec les produits nationaux confectionnés par les uns et les autres artisans relativement aux métiers susmentionnés, soit avec certains produits importés.

En outre, nous relevons des décors d'aménagement reliés à des **activités informelles**, dont les souks permanents qui réunissaient d'ordinaire une foule en provenance tant de la ville que des campagnes avoisinantes: «*Nous débouchons sur la place Djamaâ-al-Fana (la place du trépas). L'espace s'ouvre et le vaste ciel rayonne sur le tumulte des hommes et des bêtes, sur les monceaux de fruits et de grains, sur les tueries de moutons, sur la criailerie des marchandages sur l'immobilité des fumeurs assis devant leurs narghilés sur le rêve pacifique des chameaux qui ruminent en fermant les yeux.*» (Richet, 1909, p. 223).

Nous citons également les **décors occasionnels** tels les campements militaires qui étaient généralement dressés sur la place. C'est «*Et le sultan⁵ envoya les tentes des rebelles aux juifs au mellah pour qu'ils y habitent et il ordonna de dresser les*

meilleures tentes à Jamaâ El Fna. Il installa l'Afrag de Moulay Hicham dans ladite mosquée.» (Al Morabiti, 1986, p. 236). Notons qu'un «afrag» se compose d'habitude d'une immense tente centrale du sultan, d'un grand nombre de tentes plus petites qui forment les appartements des femmes, des eunuques (chargés de la garde des harems), des tentes des visiteurs, des chambres à ablutions, cuisine et de tentes contenant les bagages, les approvisionnements et les ameublements du sultan. Et, puisque l'usage veut que l' «afrag» ne soit pas dressé seul, d'autres sujets fidèles au sultan viennent dresser leurs tentes alentour afin de lui porter de l'aide en cas de besoin. (Ma'alamat Al Maghreb, vol. 2, p. 547).

Vers les années 1880, les services militaires seront installés **aux abords de Jamaâ El Fna**: *«A l'entrée de la grande place (...) deux bâtiments spéciaux méritent d'être signalés (...) le premier se présente comme un long mur de terre, très bas (...). Ce mur circonscrit une grande cour, où l'on descend par plusieurs marches, et qui offre sur les côtés, quelques abris misérables. Ce sont les casernes. Elles ont comme indice extérieur le costume des hommes accroupis sur le seuil d'une petite porte.» (Marcet, 1885, p. 188).*

Paul Lambert, quant à lui, évoque, en 1867, une prison «aux abords de la place» (Deverduin: 504). Laquelle prison, qui fut décrite par le Docteur Marcet après son séjour au Maroc en 1882, se présentait sous forme d'une vaste cave creusée à deux mètres en dessous du sol: «Le second édifice, situé aux abords de la place, n'est pas de moins piètre apparence que le premier (...) c'est la prison principale de la ville» (Marcet, p. 191 – 192).

Avec le Protectorat, s'étant rendus compte que la place Jamaâ El Fna est une zone économique importante de la ville, plusieurs autres commerces se sont installés sur ses côtés: négociants, entrepreneurs, commerçants européens, restaurants, entreprises à spécialités diverses. (Tharaud, 1922, p. 67).

En somme, la place Jamaâ El Fna est un espace multifonctionnel dont les composantes, qu'elles soient permanentes ou occasionnelles, formelles ou informelles reflètent incontestablement les fonctions qu'elle avait épousé à travers le temps.

2.1. La Place Jamaâ El Fna aujourd'hui

Cette section se veut une description de la Place aujourd'hui tant dans sa morphologie, son architecture que dans ses diverses composantes. Pour ce, nous faisons appel aux résultats des visites répétitives que nous y avons effectuées à divers moments de la journée.⁸

2.2. La Place Jamaâ El Fna, lieu de spectacle et structure culturelle par excellence

L'étude de la morphologie de Jamaâ El Fna dans cette section est surtout descriptive et a pour objectif de tracer un état des lieux actuel de cette place emblématique à travers son emplacement, sa morphologie, son architecture ainsi que ses composantes.

⁸ Il s'agit de Mawla Yazid après sa bataille avec son frère Moulay Hicham qui s'était rebellé contre lui.

2.2.1. Morphologie: emplacement, architecture et configuration géographique

Couvrant une superficie de près d'1hectare à l'ouest de la médina de Marrakech, la place Jamaä El Fna se situe dans le prolongement de la vieille ville de Marrakech, sous l'aspect d'un triangle qui s'étend vers l'Est du côté de la Mosquée Guessabine.

Elle est bordée par les quartiers Fhal Zefriti à l'ouest, au Nord, par le quartier Bab Fteuh et les souks et au Sud par les quartiers Riyad Zitoun et Arst Al Bilk.

De part cette situation stratégique au centre de la ville, elle constitue un point de repère et un passage obligatoire pour tout visiteur de la Médina qui se dirige soit vers les souks soit vers les monuments historiques intramuros dont, entre autres, Qasr Al Bahia, Qasr Al Badii', al Qoubba Almoravide, etc. (Boujrout, 1994, p. 32).

Du point de vue de son architecture, la place Jamaä El Fna n'a rien d'intéressant. Presque vide la matinée, remplie le soir, pourtant, elle reste un pôle d'attraction inégalable tant pour la population locale que pour les touristes. Si nous suivons la logique de Jakobs quant à la division d'une place publique en deux parties distinctes, qu'il appelle respectivement espace banal (réservé aux piétons) et espace spécialisé (réservé aux diverses pratiques), nous remarquons que Jamaä El Fna s'apprête mal à cette lecture. En effet, d'une part, elle reçoit, du matin au soir, un important flux de mobilité dans la mesure où s'y superposent les mouvements des piétons tous azimuts et pour diverses raisons (passage, déambulation, etc.) ainsi que ceux des vélos, motos, charrettes, taxis, etc. Et d'autre part, elle abrite, parfois alternativement, des spectacles sous la forme d'un théâtre permanent où les cercles de curieux se font et se défont à longueur de journée.

La place Jamaä El Fna est le centre géographique de la ville de Marrakech. Elle est bordée, de tous les côtés par divers édifices, restaurants qui sont séparés de l'espace destiné aux hlaquis par une rue fraîchement rénovée. Elle a une forme triangulaire et s'ouvre sur les quartiers avoisinants par le biais de rues assurant ainsi le lien au sein de la médina ancienne de Marrakech entre deux espaces différents, celui que Lagdim Soussi⁹ appelle l'espace des activités économiques «informelles» au Nord et celui du sud dominé par les bâtiments coloniaux: la poste, la Banque al Maghreb, le commissariat de Police et les bureaux de l'Arrondissement. (Borghi & Minca, p. 161).

Si l'on se fie aux propos de Quentin Wilbaux, la place a connu depuis la colonisation plusieurs modifications : *«Si au nord et à l'est les activités commerciales qui l'entourent ont conservé l'aménagement des anciens bâtiments, le côté sud a été complètement modifié pour ouvrir une série d'accès en direction de la koutoubia (symbole traditionnel de Marrakech et des quartiers de Guéliz, (...). Petit à petit, de nouveaux magasins et cafés remplacèrent les vieilles murailles en pisé qui avaient formé la seule façade de la place. Les nouveaux bâtiments commencèrent à s'élever, pour offrir une meilleure vue sur la place à ceux (des européens) qui fréquentaient les terrasses des cafés français.»* (Ibidem, p. 158).

⁹ Qui devrait coïncider avec les années 1650 – 1651 (selon Bellaoui, A. et al.)

Néanmoins, les multiples transformations qu'elle a subies dernièrement ont privilégié son embellissement et son réaménagement afin qu'elle soit plus attractive. Pour ce, dès l'année 2005, nous assistons à l'uniformisation des stands du jus d'orange, à la standardisation du modèle et de la couleur des parasols utilisés par les propriétaires des restaurants et à l'harmonisation du mobilier urbain et des devantures des commerces qui la bordent (Choplin & Gatin, 2012). Néanmoins, malgré les efforts fournis, nous notons une forte irrégularité quant à la hauteur des bâtiments qui entourent la place notamment sur la face Nord dont l'alignement irrégulier pollue la vision (Rapport de l'Unesco, 2006). La partie sud, dominée par les restaurants et les cafés dont les terrasses offrent une vue panoramique de la place, connaît également cette disparité.

Composantes

A travers nos visites répétitives de la place Jamaa El Fna, nous avons pu relever un certain nombre de composantes dont les unes bordent la place et les autres font partie intégrante de son décor quotidien. Ce dernier est dans certains cas permanent et dans d'autres, mobile.

2.2.2. Aux abords de la place

Plusieurs édifices, restaurants, banques, cafés, etc. sont installés. Certains datent du protectorat français, d'autres ont vu récemment le jour. Ces édifices peuvent être divisés en plusieurs catégories. D'abord, les bâtiments administratifs dont la poste, l'un des premiers édifices construits au début du Protectorat, ainsi que l'ancien Bank Al Maghreb sont situés aux abords de la place du côté ouest si l'on y accède par la rue le Prince Moulay Rachid. Ensuite, les Bureaux de l'Arrondissement, la Préfecture ainsi que le Commissariat sont situés sur le côté Nord. Et puis, les locaux commerciaux qui bordent la place du côté Est.

Les activités commerciales formelles effectuées dans les magasins et les bazars sont dominées par les produits destinés au marché touristique et englobent, outre les produits artisanaux locaux, les objets souvenirs et les vêtements traditionnels. Le marché municipal, quant à lui, semble être, d'une part, un lieu utilitaire, d'approvisionnement en matière de légumes, fruits, viande aux habitants des quartiers avoisinants. Et d'autre part, un lieu touristique représentatif souk marocain. Le panorama est complété par la Pharmacie de la Place puis les restaurants, les hôtels et les cafés qui sont installés sur les périphéries ainsi que par des édifices religieux dont l'un est situé sur la face Est et l'autre sur le côté sud de la place.

Enfin, la prédominance des locaux qui renvoient à la fonction commerciale tant dans son caractère formel qu'informel aux abords de la place témoigne de l'importance ainsi que de la valeur de celle-ci en tant que source économique aussi bien pour un grand nombre de familles marrakchies que pour la ville de Marrakech en général.

2.2.3. Sur la place

La grande diversité des activités et des services sur la place Jamaa El Fna rend difficile la reconnaissance rigoureuse des différentes ressources de celle-ci. Néanmoins, nos visites répétitives sur le terrain nous ont permises d'y discerner deux types d'activités: les activités commerciales et celles culturelles.

Concernant les **activités commerciales**, elles se divisent en deux catégories: les activités **commerciales permanentes** qui démarrent la matinée et se poursuivent pendant toute la journée et parfois jusqu'à 02 heures du matin, notamment pendant la période estivale (stands de jus d'oranges, achaba). Les pratiquants de ce type d'activités permanentes occupent toujours la même place puisqu'ils *«payent des impôts et jouissent donc de tous leurs droits»* (propos d'un vendeur de jus d'orange). Et celles **occasionnelles**, qui prennent, quant à elles, la forme de commerces ambulants spécialisés dans les articles régionaux et produits d'artisanat ainsi que dans ceux alimentaires tel le café et les diverses pâtisseries. Parallèlement, la place a commencé à attirer des africains subsahariens qui se spécialisent, quant à eux, dans la vente de produits artisanaux originaires de leurs pays et qui exercent souvent cette activité dans l'informel. D'autres, par contre, sont ambulants et vendent des produits tels les montres, les portables tant sur la place qu'aux abords de celle-ci, dans les restaurants avoisinants.

Quant à celles **culturelles**, elles prennent la forme de spectacles (halaqate) qui se forment et se déforment presque toute la journée. En effet, au Maroc, Al Halqa est considérée comme étant la forme spectaculaire la plus ancienne et se produisait généralement dans un espace ouvert, connu par une forte fréquentation populaire dont les souks, les moussems, les saints, les grandes (Addam, 1998, p. 12), aussi bien dans les villes que dans les villages. En effet, le Hlaiqui se déplaçait de ville en ville et de village en village afin d'animer des spectacles qui puisaient leur contenu et leur symbolique de la réalité, de l'histoire, de l'imagination ou de l'héritage culturel populaire marocain.

C'est, donc, un cercle d'amusement qui possède ses propres comédiens, son propre langage, son propre décor et même un rituel singulier, un spectacle populaire présenté par des individus aux compétences artistiques considérables dans le domaine de la narration, capables de produire un conte, une histoire merveilleuse, un chant, un spectacle d'acrobaties, improviser la poésie ou des blagues, etc., de capter l'attention des spectateurs auditeurs et de maintenir leur attention. Ce type d'activité se serait répandu, selon Mohammed Hajji, avec le colonialisme favorisée d'une part, par l'adoption de «l'horaire du soleil» par les artisans qui travaillaient du lever du soleil jusqu'à la prière d'Al Asr. Et d'autre part, par le manque de moyens de distraction (Hajji, p. 3546).

En somme, Al Halqa est un espace de forme circulaire entouré d'un public de spectateurs assis ou debout. Elle se compose donc de deux espaces. D'une part, celui rempli par le hlaiqui et où se déroule le spectacle. Et d'autre part, celui occupé par les spectateurs et généralement délimité et organisé par le hlaiqui. Mais, Al Halqa ne possède pas un modèle unique, chacune se fait et se constitue différemment. Néanmoins, elles se partagent toutes le fait que le hlaiqui s'y dresse au centre. Ses différents déplacements visent le remplissage de l'espace qui lui est consacré à travers des allers retours vers le public.

En l'absence d'un texte écrit, le hlaiqui se base sur sa voix, ses gestes ainsi que sur ses mimiques, bref sur son corps afin de faire passer son message. La voix revêt une importance capitale étant donné que c'est à travers celle-ci qu'il peut attirer l'attention de l'auditoire, qu'il peut donner une forme et un fond à son discours/texte. Et c'est à travers ses effets (intensité, volume, tonalité, timbre, rythme, etc.) qu'il peut attribuer au

personnage qu'il incarne ou dont il parle aussi bien un caractère réaliste que celui mystérieux, fascinant ou même, mythique.

Outre le dynamisme, le hlaïqui est doté d'une grande capacité d'improvisation, ce qui a encouragé certains chercheurs à relier l'activité de type «Al Halqa» au théâtre et par là-même, à la considérer comme une forme de pré-théâtre. D'autres par contre, la considèrent comme étant un art à part entière puisqu'elle ne repose pas sur un texte écrit et ne possède pas des notions et des techniques théâtrales strictement définies, du point de vue écriture, décor, mise en scène, acteurs, etc. (Alloula, 2008, p. 14).

L'habillement est également adapté à la nature de la halqa. En effet, chaque type de spectacle possède ses propres costumes qui puisent généralement leur origine dans l'habit traditionnel marocain: gandouras, djellabas, babouches, caftans. Néanmoins, certains hlaïquias optent pour un habit plus moderne comme c'est le cas des musiciens, des spectacles comiques, etc. Les danseurs travestis, quant à eux, mettent le «ngab» pour cacher la partie inférieure de leur visage, d'abord, dans le but de rappeler l'habit de la femme marocaine des années soixante dix. Ensuite, afin de cacher leurs identités faute de quoi ils sont vivement critiqués. Et enfin, pour symboliser l'interdit, la femme ayant été exclue de cet espace purement masculin.

Les animateurs sur la place Jamaâ El Fna sont nombreux, il est difficile d'en cerner le nombre exact, et plus nombreuses encore sont les halaqates qui s'y déroulent à longueur de journées. Le tableau ci-dessous, élaboré d'après les résultats de l'observation directe du terrain, nous rapproche des divers domaines du Patrimoine Culturel Immatériel qui s'y produisent:

Tableau 2

Inventaire des diverses activités sur la place¹⁰

Domaines du PCI	Type d'activité	Sous- catégorie	Sous-type	
Traditions et expressions orales	Les conteurs	<i>Hakawatiyin</i>		
Arts du spectacle (chant, danse, théâtre traditionnel)	Dresseurs d'animaux	(charmeurs de serpents) (Aissaoua)		
		Dresseurs de singes		
		Eleveurs de pigeons		
			<i>Oulad Ahmer</i>	
			Musique arabophone	traditionnelle moderne
			Musique amazighophone	traditionnelle moderne
			<i>Gnaoua</i>	
	Acrobates	<i>Oulad Sidi Hmad</i> <i>Ou Moussa</i>		
	Spectacles ludiques	<i>Lmonada (jeu à la limonade)</i>		
	Théâtre comique (avec musique)		<i>Elmsiyeh</i>	
			<i>Chleh ou Aroubi</i>	
	Connaissances et pratiques concernant la nature	Fkihs, voyant(e)s, cartomancien(s), astrologues	<i>Tolba (sunna)</i>	
<i>Fouqahas</i>				
<i>Chouwafat</i>				
<i>Falakiyine</i>				
Pharmacopée et médecine traditionnelles		<i>moul snan (dentiste)</i> <i>Achaba (herboristes)</i>		
Autres	Activités proprement commerciales	<i>Naqachat (tatoueuses de henné)</i>		
		Vendeurs de jus d'orange et de fruits secs)		
		<i>Mwalin Imakla (restaurateurs)</i>		

Les animateurs sur la Place sont dans leur majorité de sexe masculin et animent des spectacles variés. Les moins âgées sont classées dans la tranche d'âge située entre 12 et 18 ans. Alors que les plus âgées dépassent les 65 ans. Certains hlaïquias proviennent d'autres villes du Maroc dont Safi, Sidi Bennour, Ben guérir, Ouarzazate, Chyadma, Dakhla, etc. D'autres proviennent de la ville de Marrakech ou de ses périphéries et habitent soit à la Médina, à Sidi Youssef Ben Ali ou Mhamid. Ceci démontre le métissage culturel que connaît la Place Jamaâ El Fna depuis des siècles: «*Jamaâ El Fna est un espace palimpseste, traversé de fils invisibles qui relient la lointaine Andalousie et la mythique Tombouktou...celle des berbères du haut Atlas ou des plaines, celle des arabes ou de l'Afrique noire...*» (Tebbaa, 2009, p. 148).

Réaménagement de la place

Avant qu'il ne prenne sa forme actuelle, l'espace géographique de la place Jamaâ El Fna a connu de multiples évolutions et ce suivant les diverses fonctions qui lui ont été attribuées depuis sa création, ce qui s'était répercuté tant sur son architecture que sur les décors qui y étaient installés. Aujourd'hui, la Place est devenue le cœur battant de la ville dont l'aménagement obéit à une autre logique qui dépasse de loin sa nature utilitaire et multifonctionnelle.

3.1. Organisation spatio-temporelle

La fièvre de modernisation que traverse la ville de Marrakech depuis le début du siècle dernier fut freinée par sa proclamation en 2001 en tant que Patrimoine Oral et Immatériel de l'Humanité. Le réaménagement de la place en 2009, illustré dans la carte ci-dessous traduit le souci d'organiser cet espace de telle sorte qu'il soit davantage attractif sans pour autant porter atteinte à ses divers usages. Aussi, les actions menées par la Municipalité et l'Agence Urbaine dans ce sens, concernent-elles sa préservation, son accessibilité ainsi que sa propreté et la sécurité des touristes.

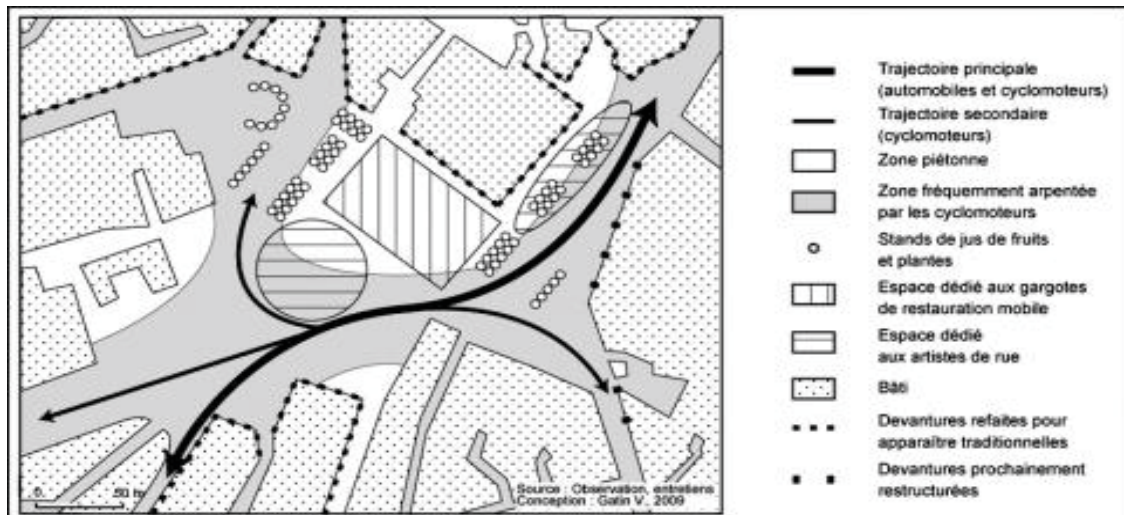


Figure 1. Organisation de la Place Jamaâ El Fna, 2008. Source: Choplin & Gatin, 2010

Etant donc devenue une «vitrine urbaine» (Choplin & Gatin, 2010) et à l'instar de tous les espaces publics, la place Jamaâ El Fna devait être traitée en conséquence par les décideurs en matière de structuration et d'organisation tout en privilégiant son accessibilité et sa visibilité par le touriste (*Ibidem*) Par conséquent, en septembre 2014,

¹⁰ Lamizet B., La médiation culturelle, L'Harmattan, Paris, 2000.

la place subit une nouvelle réorganisation qui, d'un côté, participe à l'agrandissement de l'espace réservé aux spectacles, et d'un autre, favorise le déplacement des touristes.

L'espace géographique de la place peut être subdivisé en trois parties. D'abord, la partie Ouest où la majorité des spectacles se déroule. Ensuite, la partie centrale pratiquement déserte la matinée et dont le «*revêtement [est] conçu spécialement pour recueillir les stands des restaurants mobiles*» (Ibidem) dès 2003. Ces stands ont été, encore une fois, réorganisés par la Wilaya vers le mois de septembre 2014 afin, d'une part, d'éviter leurs débordements et par là-même l'invasion de la Place par les restaurants, et d'autre part, d'assurer une répartition équitable de l'espace dédié à ces derniers. Et enfin, la partie Est, appelée aussi Jamaâ El Fna Sghira (la petite Jamaâ El Fna), occupée depuis la matinée par les hesboristes, les vendeurs (ses) des divers produits, les dresseurs de singe, etc.

Les vendeurs de jus d'orange, jusqu'alors installés aux deux côtés Est et Ouest de la place, (Tebbaa & Skounti, 2012, p. 54) sont aujourd'hui réorganisés et dispersés sur tous les côtés. La majorité d'entre eux est installée à la place des vendeurs des plantes suite au déplacement de ceux-ci à Arsat El Bilk dès septembre 2014, près du commissariat de la place. Ils forment des groupes avec les vendeurs de fruits secs. Le regroupement de ces stands, même si, au début, il crée un sentiment d'étrangeté et de désorientation chez tout usager habituel de la place, émane d'une vision esthétique et utilitaire dans la mesure où il renforce l'ouverture de l'espace de la place et par là-même, permet de laisser plus d'espace aux hlaquias.

Vue de loin, la place Jamaâ El Fna passe pour être un tumulte de foule dont les bruits sourds mélangés, les voix indistinctes dégagent une impression de désorganisation, de cacophonie, de désordre, de chaos. Laquelle désorganisation qui, une fois dedans, laisse reconnaître une organisation mystérieuse qui permet de repérer la provenance de chacun des bruits, «*Un théâtre grandeur nature ...où se joue, tous les jours, sur l'une des plus grandes scènes, un spectacle interrompu, un spectacle où chacun agit pour son propre mais participe en même temps au mouvement d'ensemble. Nullement préméditée, cette partition invisible dément l'impression de chaos apparent.*» (Goytisoló, 1980, p. 16).

Quant aux objets et aux accessoires utilisés, ils sont adaptés à l'espace, à la thématique et par là-même, au jeu «théâtral» sur la Place et servent, généralement, à attirer l'attention du public, à éveiller sa curiosité et à recevoir ses dons, comme c'est le cas du tambourin (Alloun). La présence du tapis revêt un caractère de sacralité comme pour les halqas à caractère confrérique ou religieux (aissaoua, fouqahas, etc.) qui se servent du tapis de prière. Et lorsque le hlaiqui a recours au tapis d'intérieur, il a plutôt pour objectif d'installer une atmosphère particulière de bienvenue et d'hospitalité. Le livre, quant à lui, il se réfère ordinairement à la connaissance, au savoir. Sa nature diffère selon le type de halqa: le livre des contes est généralement présent dans les halqas des conteurs tandis que nous constatons que la présence de celui astrologique est quasi indispensable dans les halqas des fouqaha. En ce qui concerne le sac, il renvoie à la fermeture, au sacré, mais aussi à la magie, au mystère que seul le hlaiqui peut percer. Cet objet, dont la présence est à la fois utile et symbolique dans quasiment toutes les hlaquis, est souvent de couleur noire.

D'un autre côté, l'objet sert à limiter l'espace et à assurer le confort du public comme c'est le cas des bancs et des chaises utilisés aussi bien pour assurer le

confort et le bien être du public afin que tous les spectateurs puissent profiter du spectacle (hlaquis des chants et de musique) que pour l'organisation de la halqa.

3.2. Evolution d'un usage fonctionnel de la Place à un usage festif et récréatif

L'occupation ainsi que le rythme de la fréquentation de la place Jamaa El Fna tout au long de la journée changent suivant l'usage, les pratiques ainsi que les fonctions qu'elle remplit quotidiennement. En effet, le mouvement y commence tôt le matin. Seuls sont installés vers 09H30 les tatoueuses de henné dispersées sur la totalité de la superficie de la place, les charmeurs de serpents, dresseurs de singes, gnaouas, chouafate et diseurs (ses) d'avenir. La matinée, elle est dominée par les activités à caractère commercial. Certains vendeurs de produits destinés aux touristes matinaux (sacs, chapeaux traditionnels marocains, souvenirs du Maroc, etc.) commencent également à s'installer notamment sur la partie Est de la place près des herboristes. Les vendeurs de jus d'orange et des fruits secs commencent également à prendre place dans leurs stands. La place Jamaa El Fna est dominée, le matin par la présence féminine, notamment les tatoueuses de Henné dont le nombre va s'accroître pendant la journée.

L'espace de la place pendant la matinée remplit plusieurs fonctions. D'abord, une **fonction commerciale** assurée d'un côté, par les commerces de proximité (boutiques, bazars, etc.) drainant une clientèle qui cherche le calme matinal pour effectuer ses achats (produits artisanaux, souvenirs) ainsi que par les restaurants aux abords de la place. Et d'un autre, par les vendeurs sur la place divisés en deux catégories: les vendeurs formels dont les stands de jus d'orange, de fruits secs, la pharmacopée, et ceux informels comme les vendeurs ambulants de divers produits (montres, cigarettes, gâteaux, portables, etc). La majorité des activités qui nécessitent le calme et la discrétion. (falakiyyine, cartomanciennes, fouqahas, hnnayates, etc).

Ensuite, un **usage de mobilité**, d'une part fonctionnel puisque la place sert de lieu de passage pour les habitants des quartiers avoisinants, et d'autre part, récréatif étant donné qu'elle reste un endroit parfait pour la déambulation des premiers usagers curieux de la découvrir dans le calme, ainsi qu'un lieu de repère efficace pour les touristes et par-là même, un lieu servant à recevoir les transports communs touristiques (devant café France). Et enfin, la **fonction culturelle** étant donné qu'elle accueille les premiers hlaiquias comme les gnaouas, aissaoua (charmeurs de serpents), dresseurs de singes, comme susmentionné à partir de 09H30 du matin.

Les halquis commencent à s'installer sur la place Jamaa El Fna vers 16 heures. Les bruits se mêlent. Groupes des Rrways, musique arabophone, Gnaouas, charmeurs de serpents. Les stands des restaurants commencent à prendre place également vers 16H30. Les premières fumées de saucisses et de brochettes commencent à se faire sentir. Parallèlement à l'installation de ces stands, les tatoueuses de henné changent de place et se dispersent au milieu de la Place ou sur les côtés. Les premières hlaquis commencent à se former autour des chanteurs amazighophones et arabophones, de lmsiyeh, et du groupe de Oulad Hmer. L'agitation sur la place commence à devenir importante pour atteindre son summum vers 19 heures où tous les hlaiquias ont pris place à Jamaa El Fna. Une véritable foire quotidienne où spectacle, jeu, commerce, esthétique, prédiction d'avenir, etc. se mêlent aux photos, aux souvenirs, aux va et vient des touristes émerveillés et parfois dérangés.

Le soir, la place continue à garder ses mêmes fonctions (culturelle, commerciale, récréative) et le nombre des visiteurs commence à augmenter. C'est à partir de 20

heures que la place connaît son comble et continue jusque tard dans la nuit. Les hnnayates, chouafates, cartomanciennes, les vendeuses, etc. ont déjà quitté la place et toutes les autres activités masculines nocturnes continuent jusqu'au lendemain vers 02 heures du matin. Les stands de restauration sont démontés également à cette heure-là. Les musiciens et artistes sont déjà partis et la place retrouve son calme jusqu'au lendemain matin. L'occupation de l'espace de Jamaa El Fna, comme déjà mentionné plus haut, se fait à partir de la matinée et obéit à une logique particulière. En effet, le tableau ci-dessous détaille les divers usages de la place pendant une journée:

Tableau 3

Usages quotidiens de la place¹¹

Fonction	Usagers		Usage			
	Type d'activité	sous-catégorie	Matinal	Diurne	Nocturne	
Culturelle	Dresseurs d'animaux	Charmeurs de serpents	X	X	X	
		Dresseurs de singes	X	X	X	
		Eleveurs de pigeons		X		
	chant, danse, musique	<i>Oulad Ahmer</i>			X	X
		Musique arabophone			X	X
		Musique amazighophone			X	X
		<i>Gnaoua</i>	X	X	X	
	Acrobates	<i>Oulad Sidi Hmad Ou Moussa</i>				X
	Spectacles	<i>Lmonada (jeu à la limonade)</i>			X	X
	Ludiques	<i>Jeu aux trois cartes</i>			X	X
	Théâtre comique (avec musique)	<i>Elmsiyeh</i>			X	X
		<i>Chleh ou Aroubi</i>			X	X
	Fkihs, voyant(e)s,	<i>Fouqahas</i>	X	X		
	cartomancien(s), astrologues	<i>Chouwafat</i>	X	X		
		<i>Falakiyine</i>	X	X		
		<i>moul snan (dentiste)</i>			X	X

¹¹ Ce tableau est le résultat de l'observation participative effectuée par moi-même à divers moments de la journée (année 2015).

	Pharmacopée et médecine traditionnelles	Achaba (herboristes)	X	X	X
Commerciale	<i>Naqachat (tatoueuses de henné)</i>		X	X	
	Vendeurs de jus d'orange et de fruits secs)		X	X	X
	Vendeurs d'escargots				X
	Produits potiers		X	X	
	vendeurs de khoudnjaj				X
	<i>Restaurateurs</i>			X	X
De Mobilité	<i>Fonctionnelle</i>		X	X	X
	Récréative		X	X	X

Source: L' Auteur

La métamorphose que connaît, donc, la place Jamaä El Fna du matin au soir suit un axe temporel diachronique à travers un jeu de mobilité et d'appropriation qui change suivant le moment de la journée. Bien qu'il y ait une modification remarquable au niveau du nombre des usagers tant les hlaïquias que les touristes, la place tend à garder ses divers fonctions et usages pendant la journée.

Si certaines fonctions semblent commencer tôt le matin, seules celles pratiquées par des hommes persistent jusque tard dans la nuit. Les cartomanciennes et les nqachat par exemple quittent la place graduellement jusqu'au soir, étant donné que la place devient de plus en plus dangereuse à la tombée de la nuit.

3.3. La place Jamaä El Fna, une chef d'œuvre du Patrimoine Oral et Immatériel de l'humanité en crise

Force est de constater que Marrakech et plus particulièrement la Place Jamaä El Fna fut l'un des «creusets de la réflexion engagée par l'Unesco pour la reconnaissance du patrimoine oral et immatériel.» (Tebbaa, 2010, p. 51). Faire partie de la liste des 19 premiers sites à valeur exceptionnelle proclamés en 2001 en tant que Chefs-d'œuvre du Patrimoine Oral et Immatériel de l'Humanité est une reconnaissance de la représentativité de sa valeur patrimoniale au niveau Mondial.

3.3.1. Certification

En 1997, l'écrivain espagnol Juan Goytisolo, épris de cette ville authentique et singulière où il vivait depuis plus de vingt ans et ayant ressenti la menace que représentait l'urbanisation et plus particulièrement, la construction d'un parking et d'un bâtiment de 15 mètres de haut sur les lieux, décida avec quelques intellectuels marocains de proposer le classement de la place en tant que «Chef-d'œuvre du Patrimoine Oral et Immatériel de l'Humanité», programme lancé par l'Unesco dès 1998. Outre le fait que cette initiative ait été à l'origine de ladite proclamation, elle a favorisé la réflexion, au niveau international à l'existence d'un patrimoine oral (culture

traditionnelle et populaire), qui occupe une part essentielle du patrimoine culturel de l'Humanité¹², et qui est menacée de dégradation et de destruction. Lequel volet du patrimoine devrait, donc, être pris en charge, et par là-même, sauvegardé afin qu'il soit relégué, intact, aux générations futures.

C'est dans ce contexte que le lancement du Programme des Chefs-d'œuvre du Patrimoine Oral et Immatériel de l'humanité a été instauré et sera officialisé par la Convention pour la sauvegarde du PCI adoptée par la Conférence Générale de l'Organisation en octobre 2003. Afin qu'une expression ou un espace culturel soit déclaré (e) comme tel, elle (il) doit, outre le fait qu'elle (il) soit menacé (e) de disparition et de dégradation, justifier, non seulement, de son authenticité et de sa valeur exceptionnelle à travers son enracinement dans l'histoire ou la tradition culturelle de la communauté concernée, mais également de son originalité et de sa valeur distinctive en tant que témoignage unique de l'identité culturelle de cette communauté.¹³

Jamaä El Fna, ayant fait l'objet d'une consultation internationale d'experts sur la protection des espaces culturels préparée alors par la Division du Patrimoine Culturel de l'Unesco et la Commission Nationale Marocaine pour l'Unesco dès juin 1997, s'est réservée la place d'être l'un des premiers dossiers de proclamation engagés par ledit Organisme. Le 18 mai 2001, l'espace culturel de la Place Jamaâ el Fna sera déclaré "à l'unanimité" chef-d'œuvre du Patrimoine oral et Immatériel de l'Humanité.

Aussi, la Place Jamaä El Fna, par la complexité de sa nature, se réserve-t-elle la particularité de se référer aussi bien à l'espace qu'au produit culturel, au lieu de concentration des créations linguistiques, musicales, artistiques et même littéraires. Marrakech, à travers la Place Jamaä El Fna, occupe donc une position de choix au sein de cette opération. D'abord, parce qu'elle s'engage, à travers l'initiative susmentionnée de Juan Goytisolo dans le processus de patrimonialisation bien avant le lancement du programme. Ensuite, parce que c'est à Marrakech, et plus particulièrement, lors de la réunion de juin 1997 à l'initiative de l'Unesco, de la Commission Nationale Marocaine pour l'Unesco, de l'Université de la ville et d'intellectuels que l'orientation et le sens de la proclamation verront le jour.

La proclamation de la Place Jamaâ El Fna en tant que chef-d'œuvre du Patrimoine Oral et Immatériel de l'Humanité a eu des répercussions considérables en matière de conservation et de valorisation du lieu. Reconnue pour être un répertoire riche et diversifié des pratiques culturelles orales, une source d'inspiration et un lieu incontournable d'échanges interculturels tout au long de l'année, elle continue à remplir sa fonction de lieu de création artistique et musicale qui abrite diverses formes d'expression culturelle, populaire et traditionnelle. Néanmoins, si sa proclamation a servi à sa conservation aussi bien contre les menaces des effets négatifs de la mondialisation que contre le développement du tourisme par lequel passe tout site classé. (Moreno, 2004), il n'en demeure pas moins qu'elle encoure un danger considérable de dégradation et de déperdition.

¹² Propos ayant été déjà proclamés par l'Unesco dans la déclaration du 4 novembre 1966

¹³ Cf. <http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?lg=fr&pg=00103>

Comme déjà mentionné plus haut, la première halqa décrite à Jamaâ El Fna semble être celle d'un vieux conteur qui raconte l'histoire d'un fassi, un marrakchi, un arabe, un berbère et un draoui qui parlaient chacun de ce qu'il préféraient comme plat. Néanmoins, le « *conteur qui prend place dans nos espaces de vie, ouverts ou fermés, intimes ou publiques pour nous enchanter, nous émouvoir, nous troubler, nous enseigner, nous aider à grandir, nous ouvrir les sentiers inexplorés de notre humanité.* » (Salih, 2011, p. 119) a aujourd'hui déserté la place.

Le conteur sur la place se trouve face à un double défi. D'une part, celui face à l'espace mouvant qu'il doit intéresser, attirer et maintenir. Et d'un autre, celui du progrès et de toutes les mutations qu'il engendre, tant au niveau des préférences des auditeurs, des sujets, des centres d'intérêt, et du bruit physique qui ne l'encourage nullement dans la tâche qui est la sienne. La situation est alarmante. Mohamed Bariz mentionne d'un ton nostalgique lors de son entrevue avec Yassine Adnane (émission Macahrif, RTM) le 04 juillet 2008¹⁴ qu'il avait commencé à Jamaâ El Fna alors qu'il y avait 19 conteurs, 13 sont morts pendant les années 1970. Il n'en reste donc que 06 parmi lesquels seuls 04 continuent à conter sur la place. Aujourd'hui, parmi les 08 personnes inventoriées en 2011, il n'en reste que 02 qui animent leurs spectacles de temps à autre sur la place. Ceci est dû, outre aux conditions acoustiques sur la place au développement socioéconomique de la ville qui a engendré le déplacement de ces figures emblématiques vers les hôtels.

Les hlaquis les plus anciennes sont celles à caractère culturel. Les nqqachat ont intégré la place en tant que telle à partir des années soixante lorsqu'elles ont été contraintes à abandonner leurs activités de guides touristiques.

Les hlaquis les plus anciennes sont celles à caractère culturel. Les nqqachat ont intégré la place en tant que telle à partir des années soixante lorsqu'elles ont été contraintes à abandonner leurs activités de guides touristiques. Certaines halqas à caractère éducatif ont déserté la place progressivement. Sira, Al Madih, Al Malhoun par exemple qui font appel à une grande capacité de concentration de la part de l'auditeur, ne trouvent plus leur place au sein de Jamaâ El Fna, chassés par les bruits assourdissants des divers instruments de musique.

De même, certaines activités comme Sira et Al Malhoun qui ont joué un rôle important lors du colonialisme, ont aujourd'hui disparu. Lesquelles halqas étaient animées entre la prière d'Al Asr et celle d'Al Ichae par des artisans dont entre autres Ahmed Skouri, Cheikh Jilali Mtired, Ould Cheikh Brahim ainsi que par des Maddah algériens¹⁵: « *Pendant le Protectorat, les colons interdisaient de chanter ces 'qsida' dans les souks. Lorsqu'un meddah soumettait une demande d'autorisation d'errance dans les souks citadins et ruraux à un contrôleur, celui-ci lui demandait s'il maîtrise les chants des invasions. S'il répondait que non, l'autorisation lui était accordée.* » (El Fassi, 1986, p. 42).

¹⁴ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=fLGm04CJXEI>, consulté le dimanche 17 mai 2015, 22h20.

¹⁵ Cf. Interview Al Alam in Place Jamaâ El Fna, in collectif, Jam' Al Fna Patrimoine Oral et Immatériel de l'Humanité.

années soixante-dix. De 02 groupes de Rrways en 2011 (Skounti & Tebbaa, 2012, p. 47). De même, certains acteurs comme les médecins, les barbiers et les écrivains publics ont également déserté la place étant donné que la modernisation de ces métiers ne permet plus leur exercice sur la place publique.

Les hlaïquias se trouvent confrontés, du jour au lendemain, à un double défi. D'un côté, ils deviennent des détenteurs d'un savoir doté d'une valeur universelle avec tout ce que cette nouvelle condition exige. Et d'un autre, arriver à survivre dans un monde qui ne peut être détaché du Monde. Ils sont donc responsabilisés, sans être prêts ni encadrés ni matériellement, ni culturellement ni même psychologiquement pour sauvegarder ce «Chef-d'œuvre du Patrimoine Oral et Immatériel de l'Humanité».

En outre, Jamaä El Fna fut le berceau où certains Rrways de renommée (Rais Aarab Atigui, Rais Ahrouch, etc.) se sont produits entre les années cinquante et les années soixante-dix. De 02 groupes de Rrways en 2011 (Skounti & Tebbaa, 2012, p. 47). De même, certains acteurs comme les médecins, les barbiers et les écrivains publics ont également déserté la place étant donné que la modernisation de ces métiers ne permet plus leur exercice sur la place publique.

Epris de cette «valeur exceptionnelle» qui leur est accordée à l'échelle mondiale par le biais de ce qu'ils ont toujours considéré comme étant leur gagne pain, tentent, avec leur propres moyens et suivant leur propre conception, d'opter pour la meilleure option susceptible de garantir et leur survie et la continuité de la place. La proclamation de la Place en tant que Chef-d'œuvre du Patrimoine Oral et Immatériel de l'humanité semble, donc, être un tournant important dans leur vie «professionnelle» et personnelle.

De même, devant l'abondance des activités commerciales sur la place, l'espace géographique consacré à la halqa se rétrécit de jour en jour. Ce rétrécissement se manifeste au niveau quantitatif par la quantité ainsi que par l'hétérogénéité des activités commerciales qui se pratiquent sur la place du matin au soir ainsi que par la diminution du nombre des hlaïquias dont la plupart a déserté la place afin de fuir le bruit devenu insupportable (les conteurs) ou faute d'espace pour présenter leurs spectacles (Sidi Hmad ou Moussa).

La comparaison donc entre la place Jamaä El Fna hier et aujourd'hui de part sa forme, son architecture, ses composantes, ses fonctions laisse voir, d'une manière claire, l'évolution qu'elle a subie à travers l'histoire. Du point de vue de sa fonctionnalité, elle crée une rupture avec toutes les fonctions qu'elle avait assurées auparavant pour ne garder que celle Culturelle.

Conclusion

Ceci contribue à délimiter sa signification à celle de Jamaä El Fna, l'espace culturel fait par et pour le rêve, l'espace qui voit défiler à longueur de journée un nombre important de spectacles et de hlaïquias, l'espace enfin qui transporte tout spectateur d'un monde réel vers un monde imaginaire et féérique.

Nombreux sont les acteurs qui se produisent sur la place et sont encore plus nombreux les curieux qu'ils attirent vers leurs spectacles qu'ils animent assis ou debout, en groupe ou en solo. Delà, l'ancienneté de la Place historiquement attestée, les diverses fonctions qu'elle a jouées au fil des années ainsi que sa valeur exceptionnelle reconnue officiellement par sa proclamation en tant que Chef-d'œuvre du Patrimoine

Oral et Immatériel de l'Humanité la classent en tant que témoin authentique et emblématique de l'histoire de la ville de Marrakech et par là même, en tant que repère culturel inégalable.

Néanmoins, Jamaä El Fna, cet espace d'art et de culture, qui a vu naître plusieurs artistes (arabophones et amazighophones) et qui fut la source d'inspiration pour beaucoup d'autres (peintres, dramaturges, metteurs en scène, poètes, photographes, etc.) est aujourd'hui en crise. Le développement économique et technologique ainsi que celui démographique semblent être une menace quant à la présence des arts populaires sur la place. Il reste donc urgent que les réflexions autour de la sauvegarde de cet espace emblématique soient inscrites dans une perspective de durabilité.

Références

- Adda'If Almorabiti, M. (1986). *Tarikh Adda'if*, Maroc: Dar Alma'Tourate, (Éd.) 523 p.
- Addam, H. (1998). *Le théâtre marocain et Tayeb Seddiki*, Thèse de Doctorat dirigée par Philippe Royer, Université Bordeaux III, Michel de Montaigne.
- Al Youssi, A. H. (1976). Conférences, Rabat (Maroc): Publication Dar Al Maghrib de Production, Traduction et Publication. *Série Littérature 1*, 422 p.
- Annasiri, A. (1956). *Alistiqsa Fi Akhbar Al Maghreb Alaqa*, Tome 9, 3^{ème} partie, (Éd.) Examinée et commentée par Jaafar et Mohammed Annasiri, Casablanca (Maroc): Dar Al Kitab, 236 p.
- As'Saadi, A (1981). *Tarikh As'Sudan*, texte arabe édité par Octave HOUDAS, avec la collaboration de EDM Benoist, Paris: Adrien Maisonneuve, Librairie d'Amérique et du Nord, 326 pages.
- Bellaoui, A., El Gharrass, H. & Ahmane, M. (1994). Contribution à l'étude des grandes places de la ville de Marrakech: cas de la Place «Jamaä El-Fna, 1^{ère} partie, La Place 'Jamaä El-Fna du XI^{ème} siècle au début du XX^{ème} siècle. *Atlas Marrakech, Revue Périodique de Recherche de Document et de Publication sur Marrakech et Régions*, n° 1, 46-67.
- Bencherqui-Hasri, A. (1987). *Irtisāmāt wa-mu'ṭīyāt tārikhīyah ḥawla madīnat Marrākush*, Marrakech (Maroc).
- Borghi R. & Minca C. (2003). «*le lieu, la place, l'imaginaire: Discours colonial et littérature dans la Description de Djemaà El-Fna, Marrakech*», col. Expressions maghrébines, Volume 2, n° 1, 155-174. www.academia.edu/.../Le_lieu_la_place_l_imaginaire_discours_colonial..., [Consulté le 12-10-2012].
- Boujrouf, S. (1994). la place Jamaâ El Fna à travers les guides touristiques. *Atlas Marrakech. Revue périodique de Recherche, de Documentation et de Publication sur Marrakech et régions*, Marrakech, n° 2, 32-45.
- Carvajal, M. (1667). *L'Afrique*, Tome II, Traduit en arabe par HAJJI, M. et al. Association marocaine de production, traduction et Publication, Dar Nachr Al Maärifa, 1988-1989, p. 55. Traduit en français par Nicolas Perrot sieur d'Albancourt, divisé en 3

volumes et enrichi de cartes géographiques ordinaires du roi, Paris (France), (Éd.) Chez Louis Billaine.

- Choplin M.A. & Gatin, V. (2010). «*L'espace public comme vitrine de la ville marocaine conceptions et appropriations des places Jamaa El Fna à Marrakech, Boujloud à Fès et Al Mouahidine à Ouarzazate*», *Norois* [En ligne], 214 | 2010/1, mis en ligne le 01 juin 2012, consulté le 14 juin 2015. <http://norois.revues.org/3095>; doi: 10.4000/norois.3095.
- De Torres, D. (1988). *Chronique des Chorfas*, Traduit par Mohammed Hajji et Mohammed Al Akhdar, Casablanca (Maroc): Association marocaine de production, traduction et Publication, société de publication et de distribution, 243 p.
- Deverdun, G. (1980). *Marrakech des origines à 1912, Tome II, Table des matières, sources, bibliographie, index, planches, additions et corrections*, Casablanca (Maroc): (Éd.) Frontispice.
- Deverdun, G. (2004). *Marrakech des origines à 1912*. Casablanca (Maroc): (Éd.) Frontispice, 610 p.
- Goytisoló, J. (1980). *Makbara*, Paris, Éditions Seuil, 189 p.
- Grefte, X. (2003). La valorisation économique du patrimoine. *La Documentation française*. Paris (France), 383 p.
- Harakat, I. (1978). *Le Maroc à travers l'histoire, volume 2, du début de la dynastie mérinides à la fin des saadiens*. Casablanca (Maroc): Dar Arrachad Al Haditha, 492 p.
- Kaouak, A. (2008). (réalisé par) La halqa est un théâtre complet, entretien inédit et posthume avec le dramaturge algérien Abdelkader Alloula, Oran le 25 septembre 1985. *Horizons maghrébins, le droit à la mémoire, Le théâtre arabe au miroir de lui-même et son contact avec les deux rives de la méditerranée*, n° 58, p. 14.
- Ladreit De Lacharriere, R. (1913). *Voyage au Maroc, le long des pistes maghrébines 1910 – 1911*. préface du Marquis de Segonza, C. (Éd.) Emile Larose, Paris (France), 446 p. (Consulté sur Google Books).
- Lenz, O. (1889). *Timbouctou, Voyage au Maroc, au Sahara et au Soudan*, traduit de l'allemand avec l'autorisation de l'auteur par Pierre Lehautcourt et Contenant 27 gravures et cartes, Paris, Hachette, Tome 1, 1886, 567 p. (Consulté sur Google Books)
- Marcet, A. (1885). *Le Maroc, voyage d'une mission française à la cour du sultan*, Paris (France), Plon et cie, 300 p. (Consulté sur Google Books).
- Moreno, C. (2004). Impacts de la première proclamation de dix neuf chefs d'œuvre proclamés patrimoine oral et immatériel de l'humanité, http://ocpa.irmo.hr/resources/docs/Proclamation_Dakar_Impacts-fr.pdf, 07 p. [consulté le 14/06/2014, 17h30].
- Richet, E. (1909). *Voyage au Maroc*, Paris (France): (Éd.) Populaires, Vasseur et cie, 263 p. (consulté sur Goolge Books).

- Salih, F. Z. (2011). Le conte populaire marocain, entre sauvegarde et renouveau collectif. *De l'Immatérialité du Patrimoine*. Publication de l'équipe de recherche Culture, Patrimoine et Tourisme, FLSH, Marrakech, UCAM, UNESCO, édité par Skounti Ahmed & Tebbaa Ouidad, Marrakech, 194 p.
- Tassafti, A.B.B. (s/d). *RIHLAT AL WAFID, un épisode de l'histoire de l'Adrar n Dern (Atlas de Marrakech), et du souss au 12ème siècle H / 18ème S.J.C.* (Éd.) annotée Ali Sidki Azaykou, Publication de la FLSH de Kénitra, série textes et documents num.1, 308 p.
- Tebbaa, O. (2009). L'évolution de la Place Jamaâ El Fna: Un cas emblématique de la recomposition territoriale, patrimoniale et culturelle, Collectif. *Les Territoires à l'épreuve des normes: référents et innovations, contributions croisées sud-africaines, françaises et marocaines*, éditeurs Boujrout, S., Antheaume, B., Giraut, F. & Landel, P.A. Coédition LERMA et la Revue *Montagnes Méditerranéennes*, Marrakech.
- Tebbaa, O. (2010). Le patrimoine de la place Jemaâ El Fna de Marrakech: entre le matériel et l'immatériel. *Collectif, Intangible Cultural Heritage and Memory, Patrimonio cultural inmaterial y memoria, Quaderns de la Mediterrània*, p. 51.
- Tebbaa, O. & Skounti A. (s/d). *La place Jamaâ El Fna, patrimoine Culturel Immatériel de Marrakech, du Maroc et de l'Humanité*. Publication réalisée dans le cadre du projet de préservation et promotion de la place avec la coopération entre le Ministère de la Culture, l'Unesco et le soutien financier du gouvernement du Japon, 100 p.
- Tebbaa, O. & Skounti, A. (2012). La place Jamaâ El Fna: situation actuelle et devenir, *Collectif, Etude de l'évolution du Patrimoine Oral de la place Jamaâ El Fna et mesures à prendre pour sa sauvegarde*, Montada, 44-59.
- Tharaud, J.J. (2012). *Marrakech ou les seigneurs de l'Atlas*. Rabat (Maroc), dar Alamane, Rabat, 1^{ère} (Édition 1920), Paris (France): Librairie Plon-Nourrit et cie.

